

Quem é o nosso verdadeiro pastor?

Amadas irmãs, amados irmãos, que a paz de Deus seja abundante em sua vida!

Convido a todas e todos a refletirmos juntos sobre a passagem evangélica que nos traz a figura do Bom Pastor. O 4º Domingo da Páscoa é considerado o “*Domingo do Bom Pastor*”, pois, como em todos os anos, a liturgia proposta para este domingo aponta para um trecho do capítulo 10 do Evangelho de João, onde Jesus apresenta-se como o “Bom Pastor”. Pode-se dizer que a figura de Jesus como Bom Pastor aponta para a compaixão e o amor de Deus, pois, além de criar conosco uma íntima relação amorosa, comungando conosco seus divinos bens, Ele vai ao encontro daquelas ovelhas que se desgarram, disponibilizando-se, como seu Pastor, para conduzi-las ao retorno dos braços do Criador. Lembremo-nos da missão do pastor de ovelhas: conduzi-las com segurança, impedindo sua desagregação, livrando-as da fome e dos ataques dos animais ferozes, protegendo-as das intempéries e curando-as de suas feridas. Não seria exatamente essa a atuação de Cristo Jesus conosco?

Vejamos o texto evangélico e, em seguida, algumas reflexões a respeito:

11Eu sou o bom pastor. O bom pastor expõe a sua vida pelas ovelhas. 12O mercenário, porém, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, quando vê que o lobo vem vindo, abandona as ovelhas e foge; o lobo rouba e dispersa as ovelhas. 13O mercenário, porém, foge, porque é mercenário e não se importa com as ovelhas. 14Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem a mim, 15como meu Pai me conhece e eu conheço o Pai. Dou a minha vida pelas minhas ovelhas. 16Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco. Preciso conduzi-las também, e ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor. 17O Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar. 18Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de a dar, como tenho o poder de a reassumir. Tal é a ordem que recebi de meu Pai. (Jo 10,11-18)

Mais uma vez, Jesus comunica-se por intermédio de imagens concretas, reais, cotidianas e, ao mesmo tempo, perenes. Igualmente, Ele o faz, em diversas outras passagens, utilizando a figura de outros trabalhadores rurais – o pescador e o plantador de trigo –, profissões simples e comuns de seu tempo, mas com práticas extremamente marcantes e conhecidas.

O pescador que, de peixes, passa a ser pescador de homens, bem como o semeador capaz de, após o plantio e a espera do tempo certo da colheita, separar o joio do trigo.

Temos na presente passagem o pastor na condução de suas ovelhas. Não na lógica da passividade da ovelha seguindo, sem discernimento, qualquer chamado a ela lançado. Tampouco na visão de um animal manso e dócil que apenas responde aos chamados, independente de quem seja, para realizar suas caminhadas, sem agir de forma ativa em seu cotidiano.

Percebam a riqueza dessa passagem por dois ângulos: o do amoroso pastor com suas ovelhas, conduzindo-as pelo caminho seguro, dando sua própria vida por elas; e o das ovelhas que seguem somente o pastor a quem por elas é reconhecido como líder, pois elas não seguem qualquer pessoa que as chamam. Elas podem até se mover, correr e seguir estrada, caso sejam agredidas, assustadas ou ameaçadas. Porém, somente seguem o pastor por elas reconhecido. Atendem, apenas, ao seu chamado.

Lembro-me, novamente, da reflexão apresentada por um líder religioso ao destacar a facilidade das pessoas dizerem-se cristãs, nem sempre agindo de forma condizente com os ensinamentos do Cristo Jesus. Disse, então, que, o mais importante, não era o rótulo de cristão, mas sim a real vivência de um discípulo e seguidor de Jesus.

Vejam as ovelhas mencionadas na passagem em tela. Elas têm a possibilidade de se manterem imóveis ou de se direcionarem para outro lado, mas quando elas reconhecem o o “seu pastor”, o seu verdadeiro líder, elas o seguem sem hesitar, pois sabem que, com ele, estão em segurança. As ovelhas sabem que podem confiar n’Ele de forma incondicional, pois Ele não busca o próprio bem, mas o bem do seu rebanho.

O texto em tela começa com a lapidar afirmação de Jesus: “*Eu sou o Bom Pastor*”, cujo adjetivo “bom” é explicado pelo próprio Jesus, a seguir, como sendo aquele que “*expõe a sua vida pelas ovelhas*”.

Após tal afirmação, Jesus coloca de forma paralela as figuras do “pastor mercenário” e do “verdadeiro pastor”, cuja distinção entre eles sustenta-se na diferente atitude diante do “lobo”, representando aqui, em nosso cotidiano, tudo aquilo que põe em risco a vida das ovelhas (a violência, o ódio, a injustiça, a cobiça, a opressão).

Podemos dizer que o “pastor mercenário” não vê o rebanho como seu, não ama as ovelhas a ele confiadas, limitando-se a cumprir determinadas obrigações para as quais fora contratado, fugindo de tudo o que, por ventura, o coloque em perigo, bem como seus interesses pessoais. Assim, ao antever algum risco, abandona o rebanho à sua sorte, salvaguardando os seus interesses.

Já o “bom pastor”, presta o seu serviço por amor, jamais por dinheiro. Ele cuida para que as ovelhas mantenham-se em segurança, tenham vida e sejam felizes. Seu interesse não é apenas o de cumprir um contrato, pois está disposto a dar a própria vida por seu amado rebanho.

Lembremo-nos de que o “discurso do Bom Pastor” ocorre em um contexto conflituoso entre Jesus e alguns líderes judaicos, especialmente com a pressão que os fariseus fizeram sobre o cego de nascença, após ser curado por Jesus, questionando sua legitimidade de dar-lhe a luz. Jesus denuncia a forma como tais líderes tratam o povo, chamando-os de ladrões e salteadores, por estarem interessados apenas em proteger os seus próprios interesses, usam, para tanto, o povo em benefício próprios. (cf. Jo 9,1-41)

Minhas irmãs, meus irmãos, sempre existe um “pastor” na vida de todos nós. Sempre haverá algo ou alguém que nos aponta o caminho. Essa liderança, esse “pastor” pode ser uma pessoa, um ensinamento, uma proposta de vida, algo a se apegar e direcionar ao caminho a ser escolhido e às decisões a serem tomadas.

A questão é: Quem, de fato, é o “pastor” de nossa vida? O que, ou quem seguimos, para que tenhamos mais segurança no caminhar e a certeza da chegada no destino desejado?

As ovelhas fazem sua escolha. Optam por seguir o seu pastor. Movimentam-se em sua direção e o seguem, tomando a estrada onde ele a frente estiver.

Cristo Jesus disponibiliza-se para que todos nós sejamos suas ovelhas. Não apenas aquelas que estão a sua volta, mas todos, destacando, para tanto, que, existem ovelhas que estão fora do aprisco próximo, as quais serão conduzidas também por Ele, ouvindo a sua voz e compondo um só rebanho e um só pastor (v.16). Não estaria Jesus apontando para a universalidade do reino de Deus, para a pluralidade dos caminhos que levam os seres ao encontro do Criador, desde que conduzidos por sua Verdade? A comunidade de Jesus não está encerrada numa determinada instituição, ou até mesmo em uma única tradição religiosa. O que é decisivo para integrar a comunidade de Jesus é acolher a sua proposta amorosa de vida, é aderir ao projeto que Ele apresenta, é segui-lo nessa caminhada, independente do credo professado. Para entrar no “rebanho” de Jesus não se faz necessário um convite especial, tampouco há um número restrito de vagas, pois sua proposta de salvação destina-se a todos os homens e mulheres, sem exceção.

Manter-nos-emos parados e estáticos diante dos chamados e dos ensinamentos de Jesus? Não como utilizadores de rótulos, de títulos, como mero espectadores da vida e frequentadores de templos e rituais, mas como verdadeiros seguidores de Jesus.

Muitos poderão até questionar: “*onde está Jesus para que eu possa segui-lo?*”; “*qual é a estrada pela qual Ele caminha, para que eu possa toma-la e colocar-me em sua direção?*”

Cristo nos apontou o caminho, caminhando. O Salvador nos mostrou a direção de nossa estrada, seguindo-a. Certamente, seguir Jesus como nosso pastor não significa, apenas, participar de celebrações e ouvir atentamente suas mensagens evangélicas. Seguir Cristo, tê-lo como pastor é pisar nas estradas pelas quais Ele passou, viver a vida que Ele viveu, amar como Ele amou. O que é decisivo para pertencer ao rebanho de Jesus é a disponibilidade para O escutar e segui-lo no caminho da entrega e do amor.

Posicionarmo-nos como meros espectadores da degradação da humanidade, mesmo participando de todos os cultos religiosos disponíveis, somente estaremos vivendo a farsa de nos chamarmos de cristãos sem sermos discípulos de Cristo. Se aceitarmos a miséria humana e a desigualdade entre os seres, de forma pacífica e cordata, estaremos apenas, portando a etiqueta, a marca de ovelhas do Bom Pastor, mas aceitando que outros pastores nos conduzam. Se não transbordarmos de amor pelo irmão, conhecido ou não, amigo ou não, parente ou não, permitindo que nossas ações sejam conduzidas e direcionadas ao bem alheio e a felicidade comum, lutando contra o sofrimento das pessoas, estaremos fazendo de conta que aceitamos Jesus como nosso pastor, mas estamos, de fato, seguindo em outra direção que não a dele.

Cabe, então a pergunta: “*Quem é o nosso verdadeiro pastor?*”

Um fraterno abraço a todas e todos vocês e fiquem em Paz.

Rev. Frei João Milton.